

## **Compreender a África nos coloca no mundo enquanto seres humanos**

### **Cultura**

Postado em: 25/05/2016 19:40

ENTREVISTA ESPECIAL - Diante da passagem do Dia da África, 25 de maio, Zulu Araújo fala da experiência de conhecer suas origens africanas

Texto: Luciano Aguiar

Fotos: Rosilda Cruz

'Essa é a roda da vida', sentencia Zulu Araújo, de pé sobre o aparato de pedra que ostenta o velho moinho, defronte à Bahia de Todos-os-Santos, no Solar do Unhão. O arquiteto de 63 anos, um dos mais importantes ativistas do movimento negro, foi nosso convidado a contar sobre a experiência de ser um dos 150 escolhidos pela produtora Cine Group a conhecer o seu povo de origem, na África, a partir de um exame de DNA.

Um tanto nostálgico, por ser a enseada vizinha ao local escolhido para a entrevista o lugar onde nasceu e se criou, ele começa por descrever paralelos entre o Solar, ponto de desembarque e comercialização de escravos no passado, e Bibi, praia na República de Camarões, de onde provavelmente partiram escravizados os seus ancestrais. Zulu esteve no país africano em 2014 para conhecer o povo tikar, a convite da produtora. O registro virou um documentário que abrirá série Brasil: DNA África, com exibição prevista para o mês de junho.

Diante da passagem do 25 de maio, Dia da África, Zulu ressalta o quanto é importante para os afro-brasileiros conhecer de fato as suas raízes, que não tiveram direito a isso, e expõe erros do passado escravocrata ainda cristalizados no ideário da nação. Ex-diretor de Cultura do Olodum, ex-presidente da Fundação Palmares (2007 a 2010) e hoje diretor da Fundação Pedro Calmon, vinculada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, Zulu mira dias de mais consciência e igualdade. Mundo de volta, camarada!

O senhor fez parte de um seleto grupo de 150 afro-brasileiros que puderam descobrir sua raiz africana. Como começou essa história?

ZULU ARAÚJO - A minha participação no documentário começou a partir de uma reunião com o subsecretário geral de África, que é o embaixador Paulo Cordeiro. Em 2012, ele me apresentou uma camaronesa que estava fazendo um trabalho junto a um laboratório norte-americano chamado Africa Ancestry, detentor hoje de 300 DNAs completos de etnias africanas. Nesse primeiro momento, eu não me entusiasmei muito com o projeto, porque o processo, além de ser comercial, me deixava com muitas dúvidas se valeria a pena encarar, porque há muita resistência aqui [Brasil]. Esse tema causa

desconforto tanto &#224; comunidade negra quanto aos colonizadores. A&#237;, veio outra proposta, a da Cine Group, uma empresa que &#233; africana e brasileira. Dessa proposta, eu gostei. Primeiro, porque ele vinculava o teste do DNA &#224; identifica&#231;&#227;o de caracter&#237;sticas culturais que existem no nosso Pa&#237;s. Segundo, pela possibilidade de dialogar com a realidade atual do continente africano. Como eu era baiano e dentro da &#225;rea cultural, a pesquisadora achou que seria interessante que fosse eu o projeto piloto; ir ao continente africano, depois de identificada a minha origem, para gravar o primeiro document&#225;rio. S&#227;o cinco no total. O primeiro ter&#225; reprodu&#231;&#227;o nacional e internacional e est&#225; previsto para ser lan&#231;ado em junho. A Globo News e a BBC de Londres compraram a s&#233;rie.

Qual a sua primeira impress&#227;o sobre o lugar de onde embarcaram seus ancestrais?

ZULU ARA&#218;JO - &#201; uma ba&#237;a, um local supertranquilo. Em Bibi&#225; (praia de Tikar), a primeira coisa que lembrei foi do Solar do Unh&#227;o. O mar, as pedras, a ba&#237;a, as praias bel&#237;ssimas e o bambuzal. Na minha inf&#226;ncia, aqui [Unh&#227;o] existia um bambuzal enorme. A comunidade em que nasci (na encosta ao lado do Solar do unh&#227;o) emendava l&#225; em cima com os Aflitos. No passado, o Solar do Unh&#227;o era senzala, atracadouro, o lugar onde armazenavam os escravos &#8211; no por&#227;o &#8211;, os t&#250;neis para fuga &#8211; um deles ia at&#233; a Igreja da Piedade &#8211;, a primeira igreja de Santa Luzia, excomungada pela igreja por conta de um assassinato de um padre, e o lugar de compra e venda dos escravizados, aqui neste p&#225;tio, local de muito sofrimento. Era um porto onde escravos eram desembarcados e comercializados. L&#225; em Tikar tem uma pequena ilha pr&#243;xima &#224; ba&#237;a, na qual um barco com aproximadamente 2.500 escravos foram enviados para as Am&#233;ricas. &#201; provavelmente de onde eu devo ter vindo. Os tikar, que ficam no interior do pa&#237;s, foram embarcados por esse porto. N&#227;o &#233; um porto muito conhecido no Brasil, nem por antrop&#243;logos, nem historiadores. A Unesco, inclusive, o reconheceu agora como patrim&#244;nio cultural da humanidade. &#201; um lugar belo, mas sombrio. Tem, na &#225;rea que antecede a ba&#237;a, trezentos pelourinhos instalados, onde supliciavam os escravos que tentavam fugir.

O senhor questionou o rei da na&#231;&#227;o tikar sobre o porqu&#234; de eles terem vendido os seus antepassados &#224; escravid&#227;o e que, somente no dia seguinte, o rei explicou, em meio a desculpas, que foi melhor terem vendido os patr&#237;cios, caso contr&#225;rio todos seriam mortos.

ZULU ARA&#218;JO - Olha, a pergunta foi feita para se retirar o v&#233;u. As elites africanas s&#227;o similares &#224; elite europeia. Se houve compra, se houve venda, ent&#227;o quem vendeu? A elite imaginou que obteria lucros, mas foi tra&#237;da pela pr&#243;pria hist&#243;ria e pelo ex&#233;rcito, porque chegou um momento em que a Europa n&#227;o se satisfazia mais com aqueles poucos escravos que eram vendidos. As elites n&#227;o representam os interesses do povo. Hoje, existem lideran&#231;as africanas que est&#227;o vendendo seus patr&#237;cios da mesma forma. Vendem ouro, petr&#243;leo, diamantes e obt&#233;m lucros fant&#225;sticos sem disponibiliz&#225;-los &#224; popula&#231;&#227;o, que continua pobre. Isso acontece tamb&#233;m no Brasil, na Europa, na &#193;sia. Todas as lideran&#231;as se esquivam, com o argumento de que 'foi melhor do que se ficassem aqui para serem mortos'.

Saber que era de outra na&#231;&#227;o at&#233; ent&#227;o n&#227;o descrita no mapa da escravid&#227;o brasileira n&#227;o o colocou em cheque com algumas convic&#231;&#245;es de origem cultural?

ZULU ARA&#218;JO - Sem d&#250;vida alguma. Eu estava certo que era de origem iorubana. Eu

gosto dos ritmos, do toque, sou adepto da religi&#227;o do candombl&#233;. E ser de outra etnia me trouxe n&#227;o somente essas d&#250;vidas, mas tamb&#233;m outro elemento fundamental: n&#243;s, afrodescendentes, precisamos sair do 'achismo', precisamos aprofundar o nosso conhecimento sobre o continente africano, para que a gente possa entender melhor o nosso pa&#237;s. Eu n&#227;o estou em busca das origens para prazer pessoal, para saber quem era, do ponto de vista individual. Eu quero entender a contribui&#231;&#227;o civiliz&#243;ria que os povos africanos deram ao Brasil. E nesse sentido eu preciso saber a origem. Porque, por exemplo, os tikar j&#225; eram ex&#237;mios artes&#245;es de m&#225;scaras e ex&#237;mios na fundi&#231;&#227;o do ferro. Ou seja, eles estavam, de um ponto de vista civiliz&#243;rio, &#224; frente da Europa. Compreender isso nos coloca no mundo enquanto seres humanos. Esse processo escravizat&#243;rio acabou nos colocando no limbo do processo hist&#243;rico. Ent&#227;o, isso serve tamb&#233;m para que a gente possa afirmar categoricamente que n&#227;o somos filhos de escravos. N&#243;s somos descendentes de seres humanos que foram escravizados. Eu n&#227;o estou querendo ser melhor nem pior que ningu&#233;m. Quero ser tratado e reconhecido enquanto ser humano, senhor de direitos. Quero ser tratado como brasileiro pleno, cidad&#227;o de primeira categoria e n&#227;o de segunda, como sempre t&#234;m nos tratado. Ent&#227;o, foi um aprendizado fant&#225;stico, e eu espero que contribua para que a maioria dos afrodescendentes brasileiros tamb&#233;m se encontrem.

Seria poss&#237;vel fazer uma investiga&#231;&#227;o gen&#233;tica ainda mais profunda no sentido de provar que a origem de um ser de pele escura &#233; a mesma de um ser de pele branca, por exemplo?

ZULU ARA&#218;JO - Olha, esses testes j&#225; existem. J&#225; foram realizados. O problema &#233; que no Brasil, mesti&#231;agem significa e tem a tradu&#231;&#227;o de n&#227;o ser negro. Tanto &#233; que voc&#234; tem 35 classifica&#231;&#245;es para indicar a mesti&#231;agem no Brasil, todas elas negam a condi&#231;&#227;o do negro. Por isso que &#233; necess&#225;rio que voc&#234; identifique e afirme que voc&#234; &#233; de origem africana. &#201; claro que se voc&#234; for fazer um teste de DNA patrilinear (que se fundamenta na descend&#234;ncia paterna), possivelmente o meu dar&#225; de origem europeia, porque as negras eram usadas sexualmente pelos senhores nas senzalas, e deles nasciam filhos. A humanidade &#233; mesti&#231;a. O conceito &#233; hist&#243;rico e se baseia por conta da explora&#231;&#227;o econ&#244;mica, mas biologicamente somos todos iguais. Contudo n&#227;o posso abstrair, pois usam a frase do 'se todos somos iguais, racismo n&#227;o existe'. Isso &#233; inaceit&#225;vel. Isso existe e tem consequ&#234;ncias grav&#237;ssimas. No Brasil, hoje, gra&#231;as a esse ide&#225;rio racista se assassina aproximadamente 25.000 jovens negros por ano. Isso &#233; uma hecatombe. Se mata como se mata barata, porque se considera que esses meninos valem menos do que os jovens brancos.

Racismo t&#227;o impregnado que se v&#234; at&#233; mesmo do negro para o negro, quando na condi&#231;&#227;o de policial, por exemplo.

ZULU ARA&#218;JO - Sim, o pr&#243;prio negro fardado mata outro negro. Assim tamb&#233;m foi feito no continente africano. Os zulus, de onde eu herdei o nome, na &#219;frica do Sul, foram utilizados pelo apartheid para combater os Cosas. Davam armas aos zulus, que t&#234;m uma tradi&#231;&#227;o guerreira fant&#225;stica, porque eram n&#244;mades. N&#227;o &#233; diferente do que se faz hoje ao dar uma farda ao negro, e ele representa a estrutura do estado e fica impune. Mas no momento em que ele larga a farda, passa a ser igualzinho ao outro que persegue. S&#227;o essas estruturas do executivo, legislativo e judici&#225;rio que d&#227;o condi&#231;&#245;es para que fatos como esses ocorram, porque n&#243;s tivemos 4/5 da nossa historia sob esse regime. Isso ainda est&#225; impregnado na cabe&#231;a do brasileiro, tanto das

v&#237;timas quanto dos algozes. Tem uma frase dita pelo professor senegal&#234;s Sarra da universidade de Portugal, que traduz exatamente o que eu penso 'para vencemos, o racismo n&#243;s precisamos encontrar a cura'. N&#227;o adianta encontrar a culpa nem culpado, porque o racismo &#233; uma doen&#231;a, escravid&#227;o foi uma doen&#231;a e, para vencer uma doen&#231;a, s&#243; a cura. Eu quero que o Brasil se cure desse mal. O racismo &#233; criminoso e anticivilizat&#243;rio.